



Mas por que não julgais por vós mesmos o que é justo?

Description

por Rolland Bermann

No Extrato da revista Renaissance Traditionnelle n° 10 de abril de 1961, página 92, de um grande conhecedor e praticante do Rito Escocês Retificado, René Désaguliers, pseudônimo de René Guilly:

“O regime Escocês Retificado não pode ser considerado como um rito maçônico ordinário. Único em sua espécie, é um rito de pensamento, de pensamento espiritual e teosófico. Foi deliberadamente que seus fundadores – entre eles J.-B. Willermoz – se apoiaram no tronco vigoroso, mas desordenado e vazio da Maçonaria francesa do século XVIII, a fim de lhe infundir o pensamento místico e teúrgico de Martines de Pasqually. Por essa via, uma parte da maçonaria foi engajada em uma trajetória diferente, difícil, mas quão exaltante! É um fato histórico que deve ser reconhecido. É também dado saber que esse regime é perigoso, sobretudo quando se finge pertencer a ele sem conhecê-lo. Que se afastem aqueles que se indignam e se assustam. Que os outros busquem, trabalhem e meditem.”

O Regime Escocês Retificado, considerado em sua totalidade de 6 graus, e além mesmo desses 6 graus, constitui um caminho de ensinamento doutrinal iniciático nos convidando a compreender o mais profundamente nossa própria Via e os meios de realização que nos são propostos. O método do RER é concebido para nos preparar progressivamente a colocar ativamente seu ensinamento em prática individualmente, pessoalmente, para então realizar as potencialidades que estão inscritas em cada um de nós. É a isso que se refere o termo ‘desejo’ que vocês frequentemente ouviram e sobre o qual voltaremos a falar.

Nosso Regime, cujo caminho é fundado sobre a especulação sustentada por um ensinamento, conduz necessariamente a uma experiência interior, unindo assim uma relação conjunta entre os dois polos que são o conhecimento e o amor. O que nós praticamos sob uma forma ritual só tem valor se o considerarmos como se dirigindo diretamente a nós enquanto Via de transformação. Somente sob essa condição a doutrina contida pode dar nascimento a um verdadeiro evento interior.

Toda pesquisa em nosso campo que permanecesse apenas no nível do conhecimento teórico e não

fosse acompanhada, sustentada, por uma abordagem interior efetiva seria apenas um esforço em vão, pois toda evolução real exige um compromisso, e esse compromisso é a única justificativa real de nossa abordagem. Não basta apenas construir teorias sobre o mundo e o homem, sobre sua razão de ser e seu objetivo, pois o verdadeiro tema de nosso compromisso somos nós mesmos, e isso exige uma reforma interior, uma revolução de si mesmo. É o único caminho que leva ao segundo nascimento, a passagem do “eu” ao “Si”. A “morte do velho homem” não deve permanecer como uma frase vazia. É um longo caminho. A passagem de um grau ao outro muitas vezes é muito rápida, não permitindo uma verdadeira maturação, mesmo que o conteúdo de cada um deles seja essencial e que a progressividade de seu ensinamento seja o tipo de caminho interior pelo qual podemos nos reencontrar com nossa realidade, que é o coração (que é o coração) do Ser.

Após esta longa, mas indispensável introdução sobre a natureza deste Rito, passemos à segunda parte da minha proposta de hoje.

Começarei citando dois textos que remontam às origens do nosso Rito e que me parecem essenciais. Antes de tudo, este trecho de uma carta de Jean-Baptiste Willermoz a Joseph de Maistre datada de 9 de julho de 1779 ¹:

“Não espere nada, meu [muito] [querido] [irmão], dos homens para sua convicção; é impossível que eles possam lhe dar. Aquele que promete isso é um impostor. O fogo que deve iluminá-lo, aquecê-lo, está dentro de você; um desejo puro, vivo e constante é o único sopro capaz de inflamá-lo e propagá-lo. E, quando esse desejo atinge um certo ponto, o homem sente que é o único ser ao qual ele pode e deve se dirigir com confiança para alcançar sua convicção e essa confiança perseverante lhe dá toda a certeza de que ele necessita. Mas, para isso, ele deve se livrar do que permanece das trevas do passado: o primeiro cuidado é examinar, sem ilusão, a natureza de seu desejo e purificá-lo. Pois o homem assim preparado adquire por seu próprio trabalho o que lhe é próprio: o que lhe é dado após a exposição geral dos princípios se apaga nele como um traço desenhado na areia à beira do mar que a primeira onda destrói sem deixar o menor vestígio.” Nesta carta, a expressão “o fogo que deve iluminá-lo, aquecê-lo, está dentro de você; um desejo puro, vivo e constante é o único sopro capaz de inflamá-lo e propagá-lo” caracteriza perfeitamente a pedagogia do rito, insistindo tanto no termo desejo quanto no ato individual.

Ora, você não pode ignorar que esse termo desejo é um verdadeiro leitmotiv ² do Rito Escocês Retificado (RER) ³. Ele é, assim como o verbo correspondente desejar, a ser entendido aqui em seu antigo derivado do latim ‘desiderium’: aspiração, necessidade, busca de algo que se teve, conheceu e que agora falta, e não no sentido atual mais reduzido e limitado de ‘buscar obter, desejar’. É neste contexto, então, que devemos ler os textos no espírito da época em que foram redigidos, mais como uma vontade de retorno à origem do que como uma projeção ao futuro, mas mantendo a noção muito importante de insatisfação, que é o motor. Foi dessa forma que autores antigos como Agostinho ou Bernardo de Claraval já o utilizavam e que ainda era compreendido no século XVIII. Por meio dessa noção de “retorno”, ele induz, desde nossa recepção na Ordem, os fundamentos da teosofia de Martines de Pasqually.

Em seguida, e esta será a minha segunda citação, nas Instruções aos Grandes Professores ⁴, sensivelmente contemporâneas a esta carta, instruções que já não têm nada de secreto, pois foram amplamente publicadas, Willermoz escreve:

“Assim, não deveis pedir os títulos da ciência que professamos, uma vez que é impossível fornecer-vos outros que os de uma tradição oral que existiu em todos os tempos, e que deve sempre existir.

Aquele que pede as provas dessas grandes verdades, após ter recebido a comunicação, não as sentiu de forma alguma, e ainda ignora o que é apenas a verdade. Se tivestes essa infelicidade, M. ch.: F.: guardai-vos de renunciar à esperança de alcançá-la por vossos esforços. Concorram conosco por vossas pesquisas para aumentar o depósito que nos foi confiado.”

Não me prenderei à exigência de invariabilidade da tradição contida neste texto, desejando apenas destacar sua última frase, cujos termos são todos importantes, reforçando o que J. de Maistre escreveu. Ele insiste desta vez na necessidade do trabalho pessoal dentro de uma coletividade. Na verdade, a última parte deste breve extrato – *“Concorram conosco por vossas pesquisas para aumentar o depósito que nos foi confiado”* – é para nós fundamental. Ele nos lembra de forma imperativa que nosso trabalho, seja qual for nosso grau e qualquer que seja o ponto que pensemos ou acreditemos ter alcançado, nunca está concluído, e que cada pedra resultante de nossos estudos deve se integrar às células já obtidas por nossos predecessores e completar uma construção jamais concluída. Este é o ensinamento de cada lição, o que está por vir, nada está concluído, nada é definitivamente adquirido. Esse conhecimento progressivo e contínuo é um bem comum à totalidade de nossa Fraternidade e cada um, na medida de seus meios, deve contribuir para revelá-lo e aumentá-lo. Cada etapa deve sempre ser avaliada e verificada à luz de nossa compreensão refletida. Não está escrito em Lucas 12,57:

Mas por que não julgais por vós mesmos o que é justo?

¹ Publicado em: *“Escritos Maçônicos de Joseph de Maistre”*, texto estabelecido por Jean Rebotton. Reimpressão pela Slatkine em 1983, do original datado de 1923, com o acréscimo de um prefácio de Antoine Faivre.

² Leitmotiv é uma palavra de origem alemã que significa “motivo condutor” ou “tema recorrente”.

³ Limitando-se apenas ao Ritual de A., e desconsiderando as redundâncias ou repetições, encontram-se não menos que 30 ocorrências. Para o significado particular desse termo “Desejo” no RER, veja meu artigo publicado na Acta Maçônica, volume 16, de novembro de 2006.

⁴ Instruções secretas aos Grandes Professos, publicadas em anexo a “A Maçonaria Templária e Ocultista” de Le Forestier. Diversas edições.

Category

1. Público